Maxine L. Margolis. *Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York.* Campinas, Papyrus, 1994. Trad. de Luzia A. de Araujo e Talia Bugel, 452 p.

Sydney Antonio da Silva
Pós-graduando do Prolam – USP

Em momentos em que a questão da emigração passa a ser objeto de estudo das ciências sociais, e particularmente da antropologia, surge oportunamente o trabalho da antropóloga americana Maxine L. Margolis sobre os brasileiros em Nova York, corroborando assim para suprir a carência de estudos sobre este fluxo migratório, o qual tem suscitado inúmeras questões pelas suas dimensões e características.

O trabalho de Margolis não tem a pretensão de ser um estudo sobre a imigração brasileira para os Estados Unidos, mas quer ser um estudo de um caso particular, que é a presença brasileira na cidade de Nova York, que se tornou significativa e visível nos últimos anos.

Na tentativa de explicar esse fluxo migratório, a autora parte do pressuposto de que tal fluxo não é um fenômeno isolado, mas faz parte de um processo mais amplo, que é a globalização da imigração internacional. Nesse sentido, segundo a autora, as teorias tradicionais de explicação “empurra-puxa” já não dão conta de um fenômeno mundial de tal magnitude, porque não se considera fatores macroestruturais que permeiam estes movimentos migratórios globais. Desta forma, segundo ela, é necessário considerar tanto os fatores que estimulam as decisões individuais de emigrar, quanto os fatores macroestruturais, que englobam aspectos econômicos, como a oferta de mão-de-obra barata e geralmente qualificada nos países industrializados, como também o alívio de pressões políticas e econômicas que este excedente de mão-de-obra poderia provocar nos países em fase de industrialização, como é o caso do Brasil.

Considerando a dificuldade de se estudar populações com grandes contingentes de indivíduos ilegais, como é o caso dos brasileiros, a autora utiliza-se de um procedimento metodológico que possibilita a construção de um

corpus não aleatório, utilizando-se da técnica de pesquisa bola-de-neve, a qual faz uso da própria rede de amigos e parentes dos informantes para a construção de um *corpus*.

Desta forma, a amostra construída pela autora revela elementos curiosos deste movimento migratório, cujas características fundamentais são: a constituição etária do grupo, a sua origem social, o nível de qualificação profissional, a inserção dos mesmos no mercado de trabalho e a questão da identidade.

A pesquisa revelou que a população brasileira em Nova York é indiscutivelmente jovem, sendo que 36 por cento tinham menos de trinta anos. Quanto à composição racial, constatou-se que 83 por cento dos mesmos incluídos no universo da pesquisa eram brancos. Em relação a sua origem social, a pesquisa revelou que uma porcentagem bem maior da amostra de Nova York pertence à classe média, média baixa, e uma porcentagem bem menor deles é da classe trabalhadora, ou baixa, em oposição aos brasileiros em sua terra natal. Da mesma forma, eles são bem mais preparados que os seus compatriotas, uma vez que 46 por cento frequentaram a universidade e, destes, 31 por cento concluíram a graduação.

No entanto, segundo a autora, esses imigrantes realizam trabalhos muito aquém de suas qualificações profissionais, ocupando empregos do setor secundário do mercado de trabalho, o setor de serviços – como garçons, engraxates, motoristas, domésticas, *go-go dancers*, etc. –, o qual paga baixos salários e emprega mão-de-obra clandestina.

Esses dados levaram a autora a concluir que a imigração produz uma ruptura na estrutura de classes, uma vez que brasileiras que aqui eram patroas, lá se tornaram empregadas domésticas. No entanto, a autora constata que para o imigrante esta nova realidade constitui apenas um momento de sua vida, uma vez que no nível das representações as diferenças sociais continuam a existir entre eles e são remarcadas no cotidiano por imigrantes da elite e da classe média pelo uso de várias expressões preconceituosas, tais como: eles “não têm formação educacional”, nem “boas maneiras”, referindo-se aos brasileiros de um nível social mais baixo.

Outra questão relevante que emergiu em seu trabalho é a forma como esses imigrantes são identificados em Nova York, ou seja, os americanos frequen-

temente os identificam como hispânicos. Esta confusão étnica se deve, segundo a autora, à ignorância dos americanos em relação ao Brasil. Por outro lado, os brasileiros se sentem ofendidos quando são identificados como hispânicos, isto porque esta categoria está relacionada a pessoas desqualificadas e pobres, enquanto os brasileiros se consideram qualificados e pertencentes a uma classe social superior à deles.

Desta forma, o trabalho da autora traz à tona questões relevantes, como a construção de uma nova identidade, a questão da classificação social que a migração não conseguiu romper, pelo menos no nível do simbólico. Além destas questões colocadas pela autora, outras, a meu ver, ainda carecem de um aprofundamento maior, como o significado destes movimentos emigratórios para um país que era considerado o país do futuro, passando a ser um a mais entre os exportadores de mão-de-obra, como também de conflitos sociais. Neste sentido, o trabalho de Margolis é um estímulo para que novas pesquisas venham a enriquecer o debate de tão importante e atual problemática.